



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

SABERES DA EXPERIÊNCIA: NARRATIVAS ACERCA DA DOCÊNCIA E DO TORNAR-SE PROFESSOR/A

Emerson Augusto de Medeiros; Ana Lúcia Oliveira Aguiar; Mifra Angélica Chaves da Costa.

Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. emerson.medeiros@ufersa.edu.br

Resumo: O presente artigo advém de uma pesquisa desenvolvida a partir da ação de extensão “Encontro Regional de Narrativas (Auto) Biográficas”, da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Tem como objetivo evidenciar saberes oriundos da experiência por intermédio de narrativas acerca da docência de professores/as de comunidades situadas no campo e no mar. Como metodologia da investigação, pontuamos o método qualitativo concatenado às narrativas de professores/as sobre a docência. Como técnica de coleta de dados fizemos inferência às entrevistas semiestruturadas e às rodas de conversas com três professores/as das Comunidades de Redonda, localizada na cidade de Icapuí – CE; Canoa Quebrada, situada no município de Aracati - CE e a área de Assentamento Nova Vida, circunscrita no município de Upanema – RN. Consideremos que os saberes da experiência dos/as professores/as, participantes do estudo, têm como principal alicerce as relações que se tecem ao longo da vida. O campo e o mar são referências nas afirmações desses saberes que encontram nesses espaços as especificidades necessárias para a materialização de ações que escrevem a identidade coletiva e individual dos/as docentes.

Palavras-Chave: saberes da experiência, docência, campo, mar, formação de professores/as.

Introdução

Abrimos este momento inicial do texto enfatizando a pertença e o propósito dos/as autores/as deste texto, a saber: voltar-se para si, e para o outro, no exercício do empréstimo da memória para recordá-la em coletivo, caminhando para ela, dentro de suas histórias de vida e de suas (auto) biografias, de suas narrativas de formação, condição para a escrita de suas trajetórias vividas.

Os escritos que seguem serão saberes dos lugares, das pessoas desses lugares e de seus acontecimentos. As narrativas de formação que afloram textualmente neste trabalho foram construídas na interação entre os sujeitos do cotidiano dos lugares de homens e mulheres simples e alimentadas pelos princípios de pertença que consolidam sentimentos de inclusão e que lhes proporcionaram sua identidade social e um credo gregário ao tornar as narrativas de si, e do outro, parte e conjunto da sociedade que define os autores, participantes da pesquisa, como sujeitos de memórias e histórias.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Cada narrativa de formação emerge de vivências oriundas da Comissão Organizadora do I Encontro Regional de Narrativas (Auto) Biográficas - ERNAB, desenvolvido pela Faculdade de Educação – FE/, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, em parceria com a Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas – DAIN/UERN, e com o Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC/UERN, em dezembro do ano de 2013, em Comunidades que contemplam os povos do mar e do campo.

Nesse interim, o estudo tem como objetivo evidenciar saberes oriundos da experiência por intermédio de narrativas acerca da docência de professores/as de comunidades situadas no campo e no mar. Assim, argumentamos e defendemos narrativas que representam a essência dos povos do mar, dos povos do campo, dos povos dos quilombos, dos povos dos logradouros, das ruas, dos aldeamentos indígenas, dos caiçaras, das mulheres militantes, ou seja, da diversidade.

Falamos de autores, sujeitos do estudo, em espaços de onde aflora sua pertença, seu código de conduta, sua criatividade, seus sonhos e seus desejos manifestando-se no comportamento livre, num clima de efervescência geradora de valores, imagens e símbolos referenciais de unidade e/ou coesão social paralelo aos momentos de obediência, de humildade, de silêncio, entendidos aqui como dissimulados e fortalecedores da coesão e do pertencimento de ser e estar no/com o mundo. (FREIRE, 2005).

As narrativas dos fazeres, dos sentirens, dos saberes desses lugares, explicam a memória como lugar de resistência da pertença em momentos das “margens” e, principalmente, sua efervescência na *communitas*. Seus autores buscaram a memória reminiscência que foi evocada durante a trajetória de suas falas no estudo.

São narrativas de professores/as que dialogam sobre os saberes da experiência produzidos no cotidiano das escolas e para além delas. Essas narrativas atizam reflexões acerca da pertinência do olhar sobre os detalhes da vida cotidiana e um repensar sobre a formação com ferramentas dos saberes de homens e mulheres da prática, do dia a dia, nutridores de novos desenhos e do trabalho educativo em espaços plurais de desenvolvimento do conhecimento.

Esclarecemos que as narrativas de formação traduzem uma memória individual que é também uma memória coletiva, uma vez que, seus protagonistas recorrem à memória do outro para evocar seu próprio passado. É plural e singular. É síntese e é antítese. (HALBWACHS, 2006).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Alertamos que o estudo é de cunho qualitativo, logo adentramos nos sentidos e nos significados dos saberes da experiência presentes nas vidas de professores/as do campo e do mar. (MINAYO, 2007).

Nesse enredo, o texto encontra-se organizado em dois momentos: no inicial, apresentamos considerações sobre a pesquisa (auto) biográfica e de histórias de vida, considerando dimensões conceituais que legitimam essa abordagem investigativa como elemento metodológico fundante no campo das ciências humanas e sociais, em especial, na educação.

No segundo momento, debruçamos nossos escritos para as narrativas de formação de homens e mulheres que agudizam a diversidade, os povos do campo e do mar como referência para pensar a inclusão e os saberes do cotidiano na educação formal e não formal.

Essas narrativas de formação são de professores/as que lecionam em comunidades nos municípios de Icapuí – CE, Aracati - CE e de Upanema – RN. Elas emergem em rodas de conversas e em entrevistas semiestruturadas construídas em alpendres no início e no fim da tarde, permitindo tecer diálogos que palmilham diferentes campos da vida, diferentes contextos, quase sempre silenciados pela sociedade e pela educação.

Pesquisa (Auto) Biográfica e de Histórias de Vida: conceitos e perspectivas para a (Auto) formação docente

É inegável que o trabalho com (auto) biografias e com histórias de vida no contexto da pesquisa em educação, no Brasil, vem crescendo fortemente nas últimas décadas¹. Todavia, muitos são os questionamentos levantados por pesquisadores acerca da temática, dentre os mais comuns, na perspectiva de Souza (2006), estão os que se referem às terminologias adotadas nos estudos. São heterogêneos os termos utilizados na pesquisa em educação, principalmente as investigações que versam acerca da formação docente. (SOUZA, 2006; ABRAHÃO, 2004).

As (auto) biográficas, as histórias de vida, as narrativas de formação, o relato oral, os depoimentos orais e escritos e as biografias são algumas das tendências ou modalidades da pesquisa (auto) biográfica e de histórias de vida. (JOSSO, 2010a; SOUZA, 2006; PASSEGI, 2008; CATANI, 1997).

¹ Estudos de Souza (2006) mostram que a Pesquisa (auto) biográfica e de histórias de vida, está entre os estudos mais exercidos no cenário da Pós-graduação em Educação no país.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Nesse estudo, como pautamos as narrativas de formação como elementos indispensáveis às aprendizagens e à formação construída ao longo de uma itinerância na educação, em diferentes palcos, a qual se descortina para (re) pensarmos a experiência como um fazer e um viver que aos poucos ceda os processos existenciais do sujeito, esclarecemos nesse momento, algumas dessas diferenças terminológicas.

Abrahão (2004) em seu texto *a aventura (auto) biográfica: teoria e empiria*, afirma que a pluralidade de termos reflete diferentes perspectivas teóricas e metodológicas adotadas nas pesquisas oriundas dos diferentes campos disciplinares do conhecimento.

Nas ciências sociais, arrolamos aqui, a história, a antropologia e a sociologia, a pesquisa (auto) biográfica e de histórias de vida se inscreve sob a influência da História Oral (no imbricamento com a Escola dos Annales), esta concebida como uma “metodologia de pesquisa qualitativa que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos silenciados na “memória oficial” e não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar”. (QUEIRÓS, 1988, p. 19).

Nas pesquisas na área da educação, Souza (2006, p.23), esclarece que:

Adota-se a história de vida e a abordagem (auto) biográfica, mais especificamente, o método (auto) biográfico e as narrativas de formação como movimento de investigação-formação, seja na formação inicial ou continuada de professores/professoras, seja em pesquisas centradas nas memórias e autobiografias de professores.

Catani (1997), contribuindo ao diálogo adverte que a pesquisa (auto) biográfica e de histórias de vida instaura-se na educação pelo crescente interesse em compreender as práticas e culturas escolares, os processos de feminização do magistério, de profissionalização da profissão professor, das práticas docentes e das reformas educativas, atentando aos sujeitos envolvidos na investigação de modo individual e coletivo.

Ascendendo na educação brasileira durante a década de 1990, do século passado, nominada de investigação-formação, a pesquisa (auto) biográfica e de histórias de vida corresponde a uma denominação interdisciplinar de investigação, visto que se revela como pertinente para a (auto) compreensão dos sujeitos, de suas aprendizagens e vivências construídas ao longo de suas trajetórias vitais.

Nóvoa e Finger (2010) ao teorizar sobre o tema apontam que desde sua origem, diferentes pesquisadores têm construído seus estudos, adotando tendências plurais acerca da pesquisa (auto) biográfica e de histórias de vida. Os autores supracitados elucidam estudos realizados em países europeus (França, Itália, Portugal,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Suíça e Espanha) e no Canadá que utilizam a pesquisa (auto) biográfica e de histórias de vida, conforme os objetivos das investigações e os campos de conhecimentos a que estas se vinculam.

Souza (2006), Josso (2010b) e Queirós (1988), ancorando-se nas ideias de Dominicé (1988), Nóvoa (1992) e Pineau (1988), discorrem sobre as principais tendências apontadas na pesquisa (auto) biográfica e de histórias de vida.

A Biografia, sendo a primeira tendência apresentada por Souza (2006), compreendida como o escrito da vida do outro, é frequentemente utilizada nas pesquisas que se focam na história de vida de um sujeito, que pertenceu/pertence a um contexto ou grupo social, no qual se destacou pelo seu trabalho ou influência no desenvolvimento do grupo. A exemplo, Souza (2006) cita estudos arrolados no campo da história da educação, os quais aludem sobre personagens que tiveram grande relevância na história.

As autobiografias, segundo Josso (2010b), expressa os escritos da própria vida do pesquisador/pesquisado, caracterizando-se como divergente à biografia, porque o sujeito desloca-se numa análise entre o papel vivido de ator e autor de suas próprias experiências.

As narrativas de formação, por seguinte, deslocam sua atenção para momentos da formação em tempos e espaços específicos. Elas traduzem apenas recortes das histórias de vida dos sujeitos, que não se referem à história de vida do pesquisador, mas sim às itinerâncias dos pesquisados. No trabalho com as narrativas de formação, se tenciona aquilo que é ou foi formativo em um dado momento histórico para os sujeitos que narram suas experiências. Esse trabalho permite, na medida do possível, que os sujeitos pesquisados caminhem para sua (auto) formação. (JOSSO, 2010b).

Diferente do trabalho com as autobiografias, em que o sujeito pesquisado é também pesquisador, as narrativas de formação se facultam, na maioria das vezes a tempos escolares. Essa tendência é bastante utilizada nos trabalhos sobre sujeitos (professores/as ou alunos/as) que se encontra em processos de formação inicial e continuada. (SOUZA, 2006; JOSSO, 2010b).

O relato oral, interligado aos estudos desenvolvidos na educação que estão subscritos nos campos de investigação da antropologia e da sociologia, busca registrar as vozes de sujeitos sobre aspectos ou problemas relativos a um coletivo, ou a uma comunidade. Seu caráter inventariante se reporta a teia de fatos que permite compreender os problemas a partir das falas e da reconstrução da realidade sócio histórica, dos membros que participaram no momento em que os acontecimentos foram vividos.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Os depoimentos orais e escritos, por sua vez, se referem às histórias de vida de sujeitos para se coadunarem ao estudo, porém, os pesquisados não são os principais interlocutores que permitem chegar à compreensão do que se propõe. (SOUZA, 2006).

O conjunto de falas ou registros escritos, concebidos como depoimentos orais e escritos, são guiados por uma sequência lógica e sistemática dos fatos, os quais estão relacionados aos acontecimentos e a realidade para serem, em si, interpretados. (QUEIRÓS, 1988).

As histórias de vida, também utilizada como tendência na pesquisa (auto) biográfica e de histórias de vida, podem ser consideradas como o “relato do narrador sobre a sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu”. (SOUZA, 2006, p. 29).

Diferente de todas as tendências pontuadas no texto anteriormente, nas histórias de vida quem decide o que deve ou não ser contado é o sujeito pesquisado, a partir da narrativa da sua vida, não exercendo papel importante à cronologia dos acontecimentos e sim o percurso vivido pelo mesmo.

É deste lugar teórico-metodológico que muitos pesquisadores na educação têm buscado como opção metodológica construir seus estudos, não sendo diferente no estudo apresentado, nesse momento. A pesquisa (auto) biográfica e de histórias de vida assume um papel potencializador no fazer científico nas ciências humanas e sociais, as quais até pouco tempo se encontravam mergulhadas no positivismo e na racionalidade de conceber a produção do conhecimento.

Ferrarotti (1988), ao discutir em sua obra *Sobre a autonomia do método autobiográfico*, instala um debate sobre a autonomia e consolidação da pesquisa (auto) biografia e de histórias de vida como um novo fazer pesquisa no campo das Ciências Sociais.

Para o referido autor, a utilização da pesquisa (auto) biográfica e de histórias de vida corresponde a uma exigência nas Ciências Sociais e Humanas, caracterizando-se inicialmente como uma “necessidade de renovação metodológica” como forma de rompimento com a metodologia clássica das Ciências Sociais centradas na “objetividade e na intencionalidade nomotécnica”. (FERRAROTTI, 1988, p. 17).

Pensamos, assim como Ferrarotti (1988, p. 20) que “as pessoas devem compreender a sua vida cotidiana, as suas dificuldades e contradições, e as tensões e problemas que esta lhes impõe”. Neste sentido, é justo caminhar em um fazer ciência que medie e traduza as estruturas sociais em comportamentos individuais ou microsociais.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Saberes da Experiência: narrativas da docência e do tornar-se professor/a

Em cenários com encantadoras paisagens de sol, ondas do mar, brisas suaves, cheiro do mato, encontramos homens e mulheres comuns, sujeitos do seu lugar, os quais carregam no seu fazer a pertença do seu local de origem. Nesse caminhar visitamos as Comunidades de Redonda, localizada na cidade de Icapuí – CE; Canoa Quebrada, situada no município de Aracati - CE e a área de Assentamento Nova Vida, circunscrita no município de Upanema - RN. Nesses locais foram ouvidas e registradas narrativas de formação de professores/as que constantemente fazem e refazem seu trabalho interligado ao contexto de suas trajetórias: campo e mar.

As narrativas de formação dialogadas se assentam ao início da carreira docente e às primeiras experiências na profissão, em diferentes contextos de aprendizagem: formais e não formais.

Nesses espaços apaixonantes encontramos muitas histórias de vida embasadas pela luta, pela resistência, pelo trabalho, pelos sonhos e pela esperança na construção da profissão. Em virtude do espaço/tempo que temos nesse momento apresentamos algumas das vivências que referenciam uma heterogeneidade de saberes da experiência.

O primeiro sujeito a narrar sua vida concerne à professora Estrela do Mar², natural de Icapuí - CE, moradora da Praia da Comunidade de Redonda. A professora Estrela do Mar com um sorriso que embala sua face inicia sua narrativa de formação esclarecendo que:

A minha história é uma história que não é bem pronunciada, eu não sei dizer as palavras (sorriu). Eu nasci aqui, me criei aqui, não saí daqui. A minha mãe me ensinou o labirinto. Não existia escola, eu me criei assim: tomava banho de mar, fazia labirinto. Me casei aqui. Nunca brigamos, somente a ‘briga boa’ com meu marido. [...] O meu marido é pescador; quando a gente casou passava 12 dias na Areia Branca caçando lagosta, nesse período apareceu o primeiro menino, tive antojo, não dormia. Devido às necessidades tive que buscar ajudar meu marido, aí fui ser professora. [...] Meus primeiros anos foram difíceis porque eu precisava também aprender muitas coisas, como a buscar trazer as coisas da comunidade para minhas aulas. Mas isso nunca foi empecilho para eu não se esforçar como professora. (Entrevista realizada com a Professora Estrela do Mar, em julho de 2013, Comunidade de Redonda, Icapuí – CE).

A professora Estrela do Mar narra ter nascido na praia de Redonda, Icapuí - CE. Desde pequena sua mãe a ensinou labirinto, prática de sobrevivência dos povos do mar. Ela denota em seus ditos que na época não existia escolas em sua comunidade, então sua rotina era tomar

² Visando preservar a identidade dos sujeitos, serão usados nomes fictícios que os caracterizam, através dos elementos presentes nos lugares de vivência atualmente. Atentamos a fazer a descrição fiel das narrativas que foram gravadas.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

banho de mar e trabalhar na arte do labirinto. Posteriormente, infere que as dificuldades da vida conduziram-na à profissão professor.

De acordo com Passeggi (2008, p. 149), “a experiência, em nosso entendimento, constitui-se nessa relação entre o que nos acontece e a significação que atribuímos ao que nos afetou”. Desse modo, podemos perceber nessa narrativa que o casamento foi uma experiência prazerosa, baseada na cumplicidade das responsabilidades do lar, mas também permeada pelos desafios nos períodos de viagem do marido. Outro ponto presente no entendimento da narrativa refere-se às dificuldades oriundas do meio familiar como elementos condicionantes para a escolha da profissão.

Na sua fala a professora Estrela do Mar enfatizou alguns acontecimentos da sua vida, momentos simples, porém significantes para ela se constituir como sujeito e formar a sua identidade profissional e de mulher do mar. São histórias e saberes que passam de geração para geração e atravessam tempos e lugares.

Estrela do Mar elucida que os primeiros anos na profissão foram permeados de desafios, em virtude da necessidade de aprendizagem de conhecimentos relativos à docência. Como exemplo, cita as dificuldades de contextualizar sua prática com a realidade da comunidade, local onde habita.

Na sua narrativa subentende-se que o trabalho docente ocupa a dimensão da profissionalização do professor. Aprendemos ao longo da vida pontuam Alheit e Dausien (2006). Percebemos que os desafios que perpassaram sua rotina (falta de formação acadêmica), não minimizaram seu interesse em contribuir na educação.

Por seguinte apresentamos a narrativa da docente Jurema que relata os saberes apreendidos no dia a dia da profissão docente, no campo:

Ser professora da zona rural é uma questão de escolha. É acreditar na comunidade. [...] Eu aprendi aos poucos a como educar meus alunos, pois os cursos de formação eram antigamente nas grandes cidades e eu não tinha como ir. [...] Tive que pensar em estratégias para dar aula. O alpendre aqui de casa foi um primeiro local. Não tínhamos uma escola. As cadeiras eram os tamboretas da cozinha e o quadro no início era feito de cimento. Com o giz branco os meninos iam aprendendo as letras e os seus nomes. (Entrevista realizada com a Professora Jurema, em julho de 2013, Assentamento Nova Vida, Upanema – RN).

A educação para homens e mulheres do campo tem como principal protagonista, os sujeitos do campo. A professora Jurema registra em sua narrativa saberes da docência, mecanismos que adotou cotidianamente para lecionar e educar. A confiança e a certeza de que a educação para a sua comunidade seria possível a impulsionou exercer seu conhecimento



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

mesmo diante das barreiras impetradas pela dura realidade educativa do campo.

Para Freire (2005), é na organização sistemática dos sujeitos que ele forma e se forma e, nesse movimento se conduz com o mundo. A professora Jurema como agente de um saber ser, com suas artes de se fazer educadora do campo reelabora táticas para concretizar a educação na Área de Assentamento Nova Vida, Upanema - RN. As narrativas da professora Jurema aquecem nossa imaginação sobre lições e saberes no campo, território do aprender.

Dando continuidade a apresentação das narrativas de formação, referenciamos os ditos do professor Mar, da Comunidade de Canoa Quebrada, Aracati – CE.

Eu vim para Canoa de férias. Eu morava em São Paulo. Na época eu cursava Educação Física. Fiquei encantado com o lugar quando busquei conhecê-lo e resolvi voltar para ser professor daqui. [...] Fiquei encantado com as belezas de Canoa Quebrada. Mudei minha vida nessa primeira visita. [...] Voltei a São Paulo pensando em concluir o Curso, mas eu não tirava da cabeça o desejo de voltar para Canoa e estabelecer minha vida. [...] Quantas coisas eu imaginei para realizar aqui. (Entrevista realizada com o Professor Mar, em outubro de 2013, Canoa Quebrada, Aracati – CE).

O professor Mar inicia sua narrativa dizendo que veio do Estado de São Paulo para Canoa Quebrada, Aracati - CE, a partir de uma viagem de férias ainda quando era aluno do Curso de Superior em Educação Física. Nessa viagem procurou conhecer a Comunidade de Canoa Quebrada, Aracati – CE e resolveu em seguida residir no lugar, trabalhar na área de Educação e ser professor.

Nesse encantar-se com o lugar, pela beleza latente do entorno e a hospitalidade do povo da Comunidade de Canoa Quebrada, Aracati – CE, o professor Mar galgou posteriormente algumas decisões:

Criei uma Organização Não-Governamental (ONG), sem fins lucrativos, sem apoio oficial da Prefeitura local, sustentada por doações de empresários, a qual foca na Educação ambiental e nas trilhas ecológicas para crianças e adolescentes. Em torno de 40 escolas e 10 grupos organizados visitam por ano esse espaço educativo. Faço isso desde o início de minha carreira. [...] Ensino que podemos explorar a vida, as pessoas, os animais, nosso espaço dependendo de como olhamos. (Entrevista realizada com o Professor Mar, em outubro de 2013, Canoa Quebrada, Aracati – CE).

O professor Mar esclarece, mergulhando em sua memória, que se despreendeu dos bens materiais e deixou o barulho dos carros, a poluição e o agito de uma grande cidade para viver na comunidade de Canoa Quebrada, Aracati - CE.

Nesse lugar, o professor Mar narra que se fez educador. Ele infere que se encantou com as belas paisagens encontradas na pequena comunidade de Canoa Quebrada – Aracati – CE. Na referida comunidade, construiu sua história e se



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

constituiu como sujeito e professor do mar. Um elemento que se destaca na sua narrativa é justamente o trabalho desenvolvido no campo da educação não formal. A educação para o professor Mar transcende a sala de aula. Sua narrativa de formação se articula com as palavras de Brandão (1995), o qual assinala que a educação acontece em diferentes espaços.

Conclusões

Como registro final, destacamos que as narrativas de formação dos três docentes, em muitos momentos se aproximam. A semelhança percebida nos ditos concerne ao amor pelo lugar, sua relação com a cultura, o empenho na educação, o esforço em contextualizar suas práticas educativas com as comunidades, *locus* de atuação profissional.

Acrescentemos que encontramos nas narrativas, descrições de momentos-charneira, esses compreendidos por Josso (2010b), como experiências marcantes que contribuem na mudança de atitudes e comportamentos dos sujeitos, a partir do seu processo de conscientização.

A professora Estrela do Mar destaca esse momento ao relacionar o casamento com a escolha da profissão. Sua narrativa evidencia que o casamento se constitui como o fator decisivo para que ela se inserisse no palco da educação.

A professora Jurema, por conseguinte, pauta esse momento descortinando as primeiras experiências na profissão professor. Sem dúvida, ao rememorar essas lembranças ela reconhece a importância de sua experiência inicial, no sentido de torná-la o que é na educação.

O professor Mar, também ilustra o momento-charneira ao dizer de sua vinda do Estado de São Paulo para a Comunidade de Canoa Quebrada, Aracati – CE. Esse período vivencial denotou a trilha para as demais escolhas em sua itinerância.

Em linhas de conclusão, é possível identificar que nas narrativas de formação trazidas desses sujeitos, estão memórias e histórias relevantes para os que viveram/vivem a educação. São saberes da experiência e de cenários existenciais: mar e campo.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Org.). **A aventura (auto) biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ALHEIT, Peter; DAUSIEN, Betinna. O Processo de Formação e Aprendizagem ao longo da vida. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n.1, Jan./abr. 2006.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. 33. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

CATANI, Denice Bárbara. **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

DOMINICÉ, Pierre. O processo de formação e alguns de seus componentes relacionais. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

FERRAROTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias. **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 46. Ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Presses Universitaires de France, 2006.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. 2. Ed. São Paulo: Paulus, 2010a.

_____. Da Formação do sujeito... ao sujeito da formação. In: Nóvoa, António; Finger Mathias. **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010b.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 26ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

NÓVOA, António; FINGER, Mathias (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

_____. Org.). **Vida de Professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

PASSEGGI, Maria da Conceição. (Org.). **Tendências da Pesquisa (auto) biográfica**. Natal-RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

PINEAU, Gaston. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias. **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

QUEIRÓS, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Olga de Moraes Von. (Org.). **Experimentos com história de vida**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988.

SOUZA, Elizeu Clementino de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006.